

S. João de Bastuço

BASTUÇO, orago São João Baptista, foi uma vigararia da apresentação do Cabido da Colegiada de Valença do Minho. O seu cura era anual, amovível *ad mutum*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação —«De Sancto Johanne de Bastuzo», na Terra de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui alguns reguengos e que dão deles o terço do pão e do vinho, «Et de bacelo quem fecerunt in Senariam debent dare quartam vini et pro directura l frangão 10 ovas. Et dant de foro l spa-tulam l taligam panis l cabrito l frangão 10 ovas et pro Sancto Martino l cabasa de víno l alqueire de castaneis viridibus. Et de hereditatibus de Johanne Petri et Johanne Vermuiz et de Petrus Qunsalvi et de Menendo Nuniz et de Elvira Petri dabant de fossadeiram Regi et pecta-bant vocem et calumpniam et Hospitalis lucratus fuit illas et nichil inde habet Rex. Et de hereditate de Pela-gius Petri dabant de fossadeira et comparavit illam Lau-rencius Fernandiz et nichil dant Regi».

Por aqui se vê que os direitos reais tinham sofrido grande diminuição.

S. João de Bastuço está situada no mesmo vale ao sul da anterior, estendendo-se também pela esplanada no alto do monte de Airó.

A sua Igreja Paroquial dizem que era primitivamente dentro da quinta, pouco distante da actual, mas que foi mudada para o sítio onde está há já alguns séculos.

Existia na Igreja de Bastuço um *monumento em pedra* onde foi sepultado Álvaro de Sá, senhor da Torre de Sá, nos fins do século xvi, conforme nos diz Felgueiras Gayo no seu Nobiliário, artigo Sás.

Por não haver vestígios na actual Igreja dessa sepultura, é provável que tivesse existido na antiga e que não tivesse acompanhado a sua mudança para aqui.

O actual templo está no centro de um pequeno adro, cercado por parede, com uma porta de serventia e respectivo fojo de pedra.

É baixo e de aparência humilde.

Ao lado esquerdo da sua fachada ergue-se um torreãozinho para dois sinos, o qual, pela sua construção, parece mais moderno que o resto do edifício.

O sino grande que nele se vê foi comprado há quatro anos e era da Igreja de S. Jorge de Airó; tem na borda gravada a seguinte inscrição: — «O SINO FOI DADO POR AMOR DE DEUS POR MANOEL GONÇALVES DESTA FREGUEZIA D'AIRÓ EM 1889» —

Do mesmo lado esquerdo e junto à capela-mor foi construída a sacristia, pequena e acanhada.

O interior do templo é pobríssimo, causando desolação vê-lo.

O altar-mor é em talha simples e mal pintada, bem como os dois altares laterais do corpo da Igreja e os dois oratórios que se lhes seguem.

Os tectos são em madeira também mal pintados, tendo o da capela-mor a imagem do padroeiro S. João Baptista.

O soalho, ainda em taburnos, está podre, sendo perigoso andar sobre ele.

O baptistério é antigo mas muito simples e liso. 74

Serve de Cruzeiro Paroquial uma cruz de pedra que se ergue no adro ao lado direito da igreja.

O Cemitério Paroquial está ainda em construção; em um campo em frente à Igreja, vedado por esteios e arame, é onde se fazem os enterramentos.

Havia umas únicas Alminhas, junto à casa da Costa, mas hoje inteiramente abandonadas.

Em um pequeno outeiro, superior à mesma casa da Costa, está a *Capela de São Silvestre*, fundada no século XVIII por João Pinheiro de Mendanha, filho de Paulo Pinheiro Lobo e de sua mulher D. Isabel de Mendanha, Morgado de Balhão em Moure e senhor do Morgado dos Costas, nesta freguesia, pelo seu casamento com D. Francisca Pereira Chaves.

Esta capela, construída em boa pedraria no centro de um adro onde as silvas e ervas crescem à vontade, está em completo abandono.

Pertence aos herdeiros de José Alves Marinho.

Ao subir o monte pelas escadinhas encontra-se no ponto mais alto uma bouça com poucos pinheiros e cercada por parede.

Era ali a *Capela da Boa Fé*, mandada construir em 1650 por um ermitão de nome Simão de Lemos.

Esta Capela, primitivamente pequena e pobre, foi mandada reconstruir e ampliar com esmolas em 1712.

Havia junto a esta capela umas casinhas para habitação dos ermitões que a veneravam.

Chegou a ter dois e eram eles que nomeavam os mordomos para a Festa da Senhora que se realizava no segundo domingo de Julho de cada ano, segundo se lê no Port. Ant. e Mod. de Pinho Leal, vol. 9, pág. 149.

O edifício desta capela devia ter começado a cair em ruínas nos princípios do século XIX, pois segundo me disse um homem, que deve ter os seus 70 anos de idade,

a bisavó dele ainda serviu de mordoma numa festa ali realizada.

Hoje dele nada existe no sítio a não ser os restos dos alicerces da capela e dos cenóbios que a circundavam.

A pedra foi dali tirada e a maior parte empregada na vedação da Bouça.

Em um penedo, que lhe ficava ao poente, vêem-se ainda vestígios dos telhados das casas que a ele encostavam.

Por baixo desse penedo, com entrada para o mesmo lado poente, existe uma larga cavidade em forma de gruta onde cabe perfeitamente um homem deitado.

Ao poente da capela, em uma ravina entre este cabeço da Boa Fé e o de São Silvestre, está o *Penedo das Letras*. É este pequeno e baixo e na sua face virada ao sul tem gravados os seguintes caracteres: —

e. L.

De TM De OLIVYA

Na ocasião em que ali fui achavam-se estas letras pintadas de pouco a tinta vermelha, mas nem assim pude decifrar o que elas queriam dizer.

Ainda ao poente deste penedo, nos limites desta freguesia com a de Sequiade, talvez já nesta, ergue-se um pequeno outeiro onde esteve a *Capela de S. Silvestre*.

No sítio onde esta capela esteve apenas existem hoje restos de telha e alguma pedra miúda que serviu na sua construção; os cunhais foram levados para a actual Igreja Paroquial desta freguesia, os quais são os mesmos ou parte dos mesmos desta.

Há alguns anos foi encontrado neste outeiro, entre mato, urze e terra, uma pequena imagem de madeira, oca, de um santo, cujo nome não me souberam dizer, e

que uma piedosa mulher recolheu em sua casa onde ainda a conserva.

Cresceu-me a vontade de a ir ver, mas esmoreci perante a dificuldade de subir e descer pelo monte uns quatro quilómetros bem puxados

A capela de São Silvestre foi fundada por Joanne «O Pobre» no século xv, depois da sua expulsão do monte de Maio, da freguesia de Midões, como melhor se dirá quando se tratar daquela freguesia.

Continuou na sua nova morada este santo ermitão a mesma vida contemplativa e de penitência que tinha encetado lá; ia repetidas vezes a Vilar de Frades praticar com os padres daquele convento e era visitado na cela do seu ermitério por personagens das mais importantes daquela época.

— O Arcebispo de Braga D. Fernando de Guerra, D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, quando assistia nos seus Paços de Barcelos, e sua segunda mulher D. Constança de Noronha, o visitavam muitas vezes e se encomendavam em suas orações. Havendo Deus obrado por ele grandes maravilhas o trasladou daquela pobreza às riquezas da glória no ano de 1436.

Os Religiosos de Vilar de Frades foram buscar seu corpo e lhe deram sepultura conveniente na Igreja de seu Mosteiro, assim diz Vilas Boas Sampaio no livro Nobliarquia Portuguesa, a pág. 93.

A sua sepultura, que esteve primitivamente no claustro do convento, passou para o transepto da igreja e hoje é desaparecida.

A capela de São Silvestre já nos meados do século xvn estava em ruínas, como se vê da citada Nobliarquia Portuguesa: perto da qual (a ermida da Santa Fé ou Boa Fé, como também é conhecida), se vêem as ruínas de outra, que foi de São Silvestre.

São João de Bastuço está situada na bacia orográfica do Cávado e nela nasce o ribeiro Real, no sítio da Agolada ou Golada, o qual atravessa as freguesias de Sequiade e Moure e vai juntar-se ao rio Covo, afluente do Cávado, no lugar de Lamas, freguesia de Santa Eu-lália de Rio Covo.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Pinheiro, a de Justa-monte, a da Gadanha, a da Pedreira e a de Real.

Não é servida por estrada alguma macadamizada e não tem loja de mercearia nem Caixa do Correio.

Esta freguesia tem sido pouco favorecida pelos poderes públicos. Sem estrada, isolada dos centros de civilização, para vir à sede do concelho tem o seu povo de galgar alguns quilómetros de ínvios caminhos, pelo monte, antes de chegar a estradas transitáveis. Não admira pois que ela quisesse pertencer ao concelho de Braga, como se vê da acta das sessões da Câmara Municipal de Barcelos a 17 de Setembro de 1863.

Para aquela cidade tem pelo menos mais próxima a estrada de S. Julião de Passos, que vem até ao extremo do concelho, e as Estações de Arentim e Tadim do Caminho de Ferro do Ramal de Braga.

Barcelos precisa de olhar com mais atenção para as necessidades dos habitantes das freguesias do seu concelho, as quais, como esta, estão tão distantes da sua sede e tão abandonadas.

Confronta pelo norte com a de Santo Estêvão de Bastuço, pelo nascente com a de Cunha, do concelho de Braga, pelo sul com a de Sequiade e pelo poente, com a de Airó.

A sua população no século XVI era de 20 moradores; no século XVII era, juntamente com a de Santo Estêvão, de 32 vizinhos; no século XVIII era de 38 fogos; no século XIX era de 321 habitantes e, pelo 7.º Censo de

População, é de 210 habitantes, sendo 85 varões e 125 fêmeas, sabendo ler 26 homens e 2 mulheres!

Tem Escola Oficial que funciona no edifício da antiga Residência Paroquial e serve às duas freguesias de Bastuço.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Real, Mata, Cachada, Monte, Vilar, S. Silvestre, Eido, Pinheiro, Barroco, Quinta, Costa, Covelo, Bouça, Justa-monte e Coucieiro.

As suas casas mais importantes são: a de Sequeira, a da Costa, a do Eido (Bisca), a da Eira, a da Quinta e a de Real. Bastuços são das freguesias desta parte do concelho que têm maiores altitudes, pois abrangem a maior elevação do monte de Airó.

Se bem que a sua população se acumulasse cá mais em baixo, na encosta nascente daquele monte, em um fértil vale, em tempos idos o grande plató lá do alto devia ter sido habitado: a fácil defesa que oferecia e a fertilidade dos seus terrenos, que ainda hoje se manifesta pela luxuriante vegetação que aí se vê, nos leva a esta conclusão.